
O SIGNIFICADO DO USO DE DROGAS NO DISCURSO DE JOVENS CONSUMIDORES PORTUGUESES

EL SIGNIFICADO DEL USO DE LAS DROGAS EN EL DISCURSO DE LOS JÓVENES CONSUMIDORES PORTUGUESES

Mariana Bernardo¹ y Maria Carmo Carvalho²

¹*Bolseira de investigação - Universidade do Minho, Braga*

²*Professora Assistente - Faculdade de Educação e Psicologia – Universidade
Católica Portuguesa, Porto*

(Received/Recibido: 24/10/2012)

Accepted/Aceptado: 18/12/2012)

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo principal entender los significados que una muestra de jóvenes asocia a sus consumos de drogas. El proceso de muestreo se llevó a cabo a través del método *snowball sampling*. La muestra consta de 22 individuos de entre 20 y 34 años de edad que tienen o han tenido contacto con algún tipo de droga. Se utilizó una metodología cualitativa y una entrevista semi-estructurada, siguiendo el Guión de la Historia de Vida y Utilización de Drogas, adaptados de McAdams (2000), Fernandes y Carvalho (2003) y Matos (2008). Los datos fueron analiza-

Correspondencia

Maria Carmo Carvalho
Faculdade de Educação e Psicologia
Universidade Católica Portuguesa
R. Diogo Botelho, 1327
4169-005 Porto - PORTUGAL
email: mccarvalho@porto.ucp.pt

dos utilizando los principios de la *Grounded Theory* y con la ayuda de un software para el análisis de datos *QSRNVivo* 8. Se destaca el significado marcadamente negativo y de degradación físicos, psicológicos y sociales, atribuidas a la heroína y la transversalidad de *cannabis*, que es de rutina y estandarizado. También la cocaína es una de las drogas con mayor expresión y oscila entre los polos de la diversión-degradación. En general, se observó una necesidad de identificar y compartir un código cultural común que une a los sujetos, los experimentos de consumo y sus significados.

Palabras clave: Jóvenes, consumo de drogas, significados, metodología cualitativa.

ABSTRACT

The goal of this study is to understand the meanings that a youth sample associates to their drug consumption. The sampling process was conducted using a snowball sampling. The sample was composed by a group of 22 individuals aged between 20 and 34 years old, that have had or still have experience with some kind of drug. We used a qualitative method and a semi-structured interview following the Guide For Life Story and Drug Uses, which is an adaptation from McAdams (2000), Fernandes and Carvalho (2003), and Matos (2008). The data was analysed under the principles of Grounded Theory and using the *Software QSRN-vivo* 8, a software for qualitative data analysis. We highlight the extremely negative meanings, like physical, psychological and social degradation that were connected to heroin and the generalization of the cannabis use to all individuals, which acquires a day-to-day dimension. Cocaine also appears among the substances with more expression in our sample, and it is located between the concepts of degradation and leasure. In general terms, we found, during this study, that the drug use seems to be connected to the idea of a shared common cultural code that links individuals, experience and meaning of their drug uses.

Key words: Youth; drug uses; meanings; qualitative methodology.

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo compreender os significados que uma amostra jovem associa aos seus consumos de drogas. O processo de amostragem foi realizado através do método *snowball*. A amostra é constituída por 22 indivíduos entre os 20 e os 34 anos de idade que têm ou já tiveram contacto com algum tipo de droga. Foi utilizada uma metodologia qualitativa e uma entrevista semi-estruturada, seguindo o Guião de História de Vida e Usos de Drogas, adaptado de McAdams (2000), Fernandes e Carvalho (2003), e Matos (2008). Os dados foram analisados seguindo os princípios da *Grounded Theory* e com o auxílio do software para análise de dados QSRNVivo 8. Salientam-se os significados marcadamente negativos, de degradação física, psicológica e social, atribuídos à heroína e a transversalidade do consumo de cannabis, que assume um carácter rotineiro e normalizado. Também a cocaína figura entre as drogas com maior expressão e surge oscilando entre os polos degradação-divertimento. Em termos gerais, observámos um consumo de drogas assente na necessidade de identificação e partilha de um código cultural comum que une os sujeitos, as experiências de consumo e os seus significados.

Palavras-chave: Jovens, consumo de drogas, significados, metodologia qualitativa.

INTRODUÇÃO

O PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO LIGADO AO CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

O consumo de substâncias psicoativas (SPA) pode ser estudado a partir de uma grande variedade de ângulos de visão, tendo em conta determinado aspeto ou dimensão específica. Estudar a experiência e significado associados ao consumo de drogas por jovens contribui para que se conheça de forma mais aprofundada o processo subjetivo associado ao uso de substâncias. São múltiplos os discursos a que assistimos acerca do uso de substâncias, mas são poucos aqueles que atribuem um papel fundamental à escuta do discurso dos sujeitos acerca da sua própria experiência, desligada de uma vivência problemática destes consumos. Adotaremos,

pois, o ponto de vista que Tinoco (2000, 64) designou de “apreciativo”, procurando escutar os indivíduos e auscultar a forma como eles desenvolvem a sua própria “gramática desviante” (idem), atribuindo significados às suas experiências psicoativas.

Como refere Calado (2007, 22), “não basta saber que determinada população consome certas substâncias, deve procurar entender-se as motivações, os propósitos, os riscos, as tendências que enquadram e explicam esses consumos”. Novas abordagens, perspectivas e técnicas configuram-se urgentes na investigação acerca dos consumos de substâncias por uma população tão específica quanto a população jovem (McCaughan, Carlson, Falck y Siegal, 2005).

Ao estudar o processo de atribuição de significado ao consumo de drogas, é prioritário perceber a dimensão social em que este está envolvido. Como tal, considera-se que, para além do uso da substância por um indivíduo com uma personalidade evidentemente singular, características como a cultura, as expectativas do sujeito, o seu saber prévio, e as formas como a substância é ingerida desempenham um papel fundamental no modo como a significação é construída em torno deste uso. De facto, não poderíamos falar de experiência sem referir o papel fundamental que a cultura desempenha na sua elaboração e integração. Como refere Escotado (1992, 24), para além do seu efeito quimicamente determinado, o uso de drogas, “depende enormemente do que se pensa sobre elas em cada tempo e lugar” sendo que, “junto à química está o cerimonial, e junto ao cerimonial, as circunstâncias que caracterizam cada território em cada momento da sua história”. A título de exemplo, e segundo o mesmo autor, sabemos que na época em que o café era uma substância proibida na Rússia, surgiam frequentemente consumos excessivos, com resultados que se afastavam daqueles que um consumo moderado provocaria. Da mesma forma, a cocaína é entendida por muitos como uma droga presente fundamentalmente em classes mais elevadas da sociedade e o LSD é considerada uma substância mais associada ao paganismo e à ideia de retorno à natureza. A ideia é de que o contexto, os grupos e a posição que dada cultura assume perante o uso de uma droga, influenciam a forma como esta é experienciada pelo sujeito (Escotado, 1992; Peele, 1980).

Essa ênfase para a dimensão social inerente ao processo de atribuição de significações também surge associada, na literatura, a padrões de uso mais recentes que têm o *ecstasy* como protagonista. Gourley (2004) refere

que as teorias das subculturas da desviância oferecem um enquadramento fundamental para compreender o consumo recreativo atendendo a que o seu uso representa uma manifestação do envolvimento social mais alargado numa subcultura de uso de drogas. Especificamente, a autora conclui que as significações emergem do contexto oferecido pelas normas de comportamento partilhadas no seio da subcultura de uso em que estão a ser aprendidas.

Podemos falar, deste modo, na existência de um “carácter supra-individual no recurso às drogas” (Agra, 1993, 67) na medida em que, ao consumir determinada substância, o indivíduo insere-se num padrão cultural pré-existente, através de um processo de aprendizagem que dita a forma como este uso deve ser feito. Trata-se de uma espécie de código cultural a que o sujeito adere e que lhe dá a conhecer aspetos característicos das substâncias e dos seus usos, moldando desta forma as expectativas que o sujeito desenvolve em relação aos efeitos de cada substância. Note-se, no entanto, que este processo de adesão a um código cultural pré-existente não pressupõe uma reprodução na sua totalidade, um processo impessoal de replicação do que a cultura oferece ao sujeito. Este processo de inserção do sujeito num padrão social que lhe pré-existe inclui uma integração das características do próprio sujeito, que lhe conferem uma adesão, se quisermos, personalizada.

Os sujeitos, “portadores de categorias sociais” (Martí, 2000, 68), interpretam a sua experiência com base na participação em grupos sociais específicos, em subculturas com características e rituais próprios. Como refere Agra (2000, 42), “a vivência da experiência da droga decorre de um mundo simbólico relacionado com uma subcultura específica e com as expectativas acerca da vivência do efeito das drogas e do simbolismo transmitido pela subcultura”. É esta experiência que vai ser incorporada nos esquemas de significação que o indivíduo possui: à experiência do consumo é, posteriormente, atribuído um significado próprio.

Percebemos, então, que há uma tradição do estudo do domínio das significações no campo do uso de drogas. Manita, Negreiros, Agra e Guerra (1997) estudaram como estas são determinantes da evolução de uma trajetória de toxicodependência, já que ao mediar a relação do indivíduo consigo próprio, com a sua ação e com os outros, permitem explicar como é que condutas relativamente semelhantes desenvolvem posições de significação variadas (e até potencialmente opostas entre si). Deste modo,

o estudo das significações explica a formação da diversidade de trajetórias perante um mesmo comportamento, de que o consumo de drogas é um exemplo. Esses contributos ofereceram vasto enquadramento para a investigação da trajetória de toxicodependentes, e até mesmo de dimensões específicas do consumo problemático - como a abstinência (Mendes y Manita, 2006) ou a influência do género (Cardoso y Manita, 2004).

No entanto, importantes transformações no fenómeno do uso de drogas tiveram lugar nas últimas décadas. Essas transformações, postas em evidência pelos estudos epidemiológicos, denotam no caso português uma tendência geral de aumento do consumo (Balsa, Urbano, Vital y Pascueiro, 2008), acompanhada de uma diminuição do consumo problemático (Negreiros y Magalhães, 2009). A mesma tendência já havia sido registada uma década antes no contexto britânico. Nessa altura, essa tendência foi interpretada como um sinal de que o consumo de psicoativos ilegais se configurava progressivamente como um fenómeno cada vez mais arredado da esfera da desviância e transgressão, e aproximado do que se designou por um comportamento socialmente normalizado (Parker, Aldridge y Measham, 1998).

Neste contexto, a investigação da dimensão das significações entre jovens utilizadores que protagonizam tendencialmente uma relação não problemática com o uso de substâncias (Cruz y Machado, 2010) mantém-se grandemente inexplorada. De entre os dados disponíveis percebemos que tem sido particularmente desenvolvida uma abordagem às significações associadas às SPA que protagonizam a transformação dos padrões de uso entre os jovens. Assim, o estudo das significações associadas com o *ecstasy* tem sido considerada útil para refletir sobre a compreensão da relação com o risco associado ao consumo, e adequação das estratégias de intervenção dirigidas a esta população.

Hansen, Maycock e Lower (2001) investigaram os padrões de uso e os significados associados com o uso, a perceção do risco e as estratégias para reduzir o risco numa amostra de utilizadores de *ecstasy* na Austrália. Concluíram pela importância de compreender as crenças que influenciam a adoção (ou não) de estratégias de redução de risco e de como estas podem variar consideravelmente entre utilizadores com padrões de uso heterogêneos. O estudo mostrou que os utilizadores apresentavam um grau de controlo considerável sobre o seu uso e incorporavam uma série de estratégias de redução dos riscos, ainda que de forma inconsistente.

Os autores concluíram que à medida que os utilizadores se tornavam mais experientes tendiam a diminuir a sua preocupação relativamente à redução dos riscos, e aumentavam mesmo os seus comportamentos de risco.

Bahora, Sterk e Elifson (2009) estudaram qualitativamente as significações para o uso recreativo de *ecstasy* numa amostra de jovens utilizadores norte-americanos. Verificaram que esse padrão de uso estava a ser associado com uma dimensão de controlo, que determinava o *timing* e o *setting* da utilização. Perceberam, adicionalmente, que a elevada acessibilidade e acomodação social do fenómeno estava a contribuir para uma aceitação do uso desta SPA como integrando uma dimensão normativa da vida dos jovens. Este dado, que reforça a tese da normalização a que já aludimos, estava a condicionar as percepções do risco já que podiam encontrar-se concomitantemente baixas percepções sobre o risco e as consequências para a saúde associadas ao uso de *ecstasy* entre os participantes. Os autores concluem pela importância de considerar o uso recreativo na perspetiva dos utilizadores quando se pretende desenvolver esforços preventivos e estratégias de intervenção bem sucedidas.

Cruzando a importância de estudar as significações que os sujeitos atribuem aos seus consumos e a necessidade de colmatar esta insuficiência na exploração das trajetórias de consumo não problemáticas, pretendemos estudar a forma como os sujeitos, na primeira pessoa, descrevem os seus usos de drogas. Procuramos, com efeito, aceder a uma dimensão mais subjetiva dos consumos, numa abordagem que, apesar de enquadrada nas tendências estatísticas dos padrões de consumos, dá ênfase ao discurso direto do indivíduo. Pretendemos, deste modo, conhecer os significados associados às diversas SPA cuja experiência de consumo faz parte da trajetória dos participantes da amostra. Assumindo, à partida, que a literatura se tem centrado na exploração da dimensão dos significados na sua relação com as percepções e práticas de risco dos utilizadores, pretendemos perceber que outras significações associadas às diversas SPA emergem no discurso dos participantes.

MÉTODOS

O PROCESSO DE AMOSTRAGEM

O processo de amostragem, que decorreu entre setembro e novembro de 2008, não procurou alcançar a representatividade dos jovens consumidores portugueses. A amostragem foi desenvolvida com recurso a um procedimento intencional e gradual que visava reunir um grupo de indivíduos experientes, reconhecidos como ‘peritos experienciais’ relativamente ao fenómeno do consumo, e que estivessem em boa posição para oferecer acesso ao estudo das significações individuais associadas ao seu consumo de drogas.

Recorreu-se, especificamente, a uma identificação dos participantes através de um método de amostragem em cadeia - *osnowball sampling* ou *amostragem em bola-de-neve*. Este tipo de amostragem acontece quando se parte de um indivíduo com o qual o investigador tem já contacto e se solicita a nomeação de outros sujeitos que preencham os mesmos critérios de amostragem (Fernandes y Carvalho, 2003). Este processo vai sendo repetido, aumentando exponencialmente o número de indivíduos contactados. Desta forma, foi a partir da ativação das redes pessoais das investigadoras que se foram desenvolvendo cadeias, atingindo uma amostra recolhida em forma de “árvore”. Os critérios de amostragem foram ter idade não inferior a 20 anos e experiência de contacto com, pelo menos, uma SPA ao longo do seu percurso de vida cujo padrão de uso fosse superior à “experiência única”. As entrevistas foram realizadas em ambiente naturalista, em locais selecionados pelos participantes que oferecessem condições mínimas de privacidade (como cafés ou jardins públicos com pouco movimento), o que permitiu a criação de um contexto propício ao desenrolar das mesmas. No início de cada entrevista foram esclarecidos aspetos relacionados com a confidencialidade dos dados, anonimato do entrevistado e autorização para gravação áudio. As investigadoras recolheram ainda notas breves acerca da postura do entrevistado perante o procedimento que foi, na maioria dos casos, aberta e colaborante. As entrevistas tiveram a duração média de 2 horas e meia a 3 horas e foram posteriormente transcritas de forma integral antes de terem sido submetidas à análise do seu conteúdo.

Este processo resultou numa amostra final de 22 participantes com idades compreendidas entre os 20 e os 34 anos. Dos 22 participantes, naturais de várias cidades do Norte de Portugal, quinze são do sexo masculino e sete do sexo feminino. A maior parte dos participantes situava-se na faixa etária dos 20 aos 25 anos (n=15). No que diz respeito à formação

académica, n=16 participantes são estudantes do ensino superior ou já terminaram a sua licenciatura. Os restantes indivíduos não completaram o ensino superior.

INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Para acedermos aos significados do consumo das diferentes substâncias psicoativas, optámos pela realização de entrevistas semi-estruturadas em profundidade.

É a McAdams (2000) e à sua investigação sobre histórias de vida que vamos buscar o fundamento teórico que orienta a construção do guião utilizado neste trabalho: o Guião de História de Vida e Usos de Drogas (Carvalho, 2008). Neste estudo, a exploração da história de vida e de consumo dos participantes foi a forma encontrada para aceder e explorar a dimensão dos significados, não sendo considerada a trajetória individual como um objetivo em si mesmo, abordagem desenvolvida no âmbito de uma outra investigação (Trigueiros y Carvalho, 2010). Nesta medida, optámos por aprofundar as experiências no percurso do indivíduo relacionadas especificamente com os seus consumos de substâncias. A título de exemplo, também Matos (2008) usou no seu estudo com jovens reclusas uma versão adaptada deste guião. É o próprio McAdams (2000) a reconhecer que os estudos em que é utilizado este guião podem não se centrar no total da história de vida do sujeito, mas antes procurar estudar a narrativa produzida acerca de episódios e momentos particulares do seu percurso. O conceito de *episódios nucleares*, “memórias subjetivas de eventos particulares” (McAdams, 1993, 296) apresenta, aqui, particular relevância. Alguns eventos assumem, no todo da história de vida de um indivíduo, um significado particular, passando a designar-se *episódios nucleares*. São estes episódios nucleares que procurámos abordar durante a nossa entrevista e que tentámos adaptar aos consumos dos indivíduos, explorando o significado que lhes é subjacente.

A construção das categorias de análise com auxílio do *Software QSR Nvivo 8*, através de um processo semi-indutivo e exploratório, obedeceu às linhas orientadoras da *Grounded Analysis*, colocando este estudo num polo oposto aos processos hipotético-dedutivos. Desta forma, é ao longo do processo de interpretação dos dados e através deste que vão surgindo categorias de significado de definição e complexidade crescentes.

A unidade de análise usada foi a frase, uma vez que desta forma, como

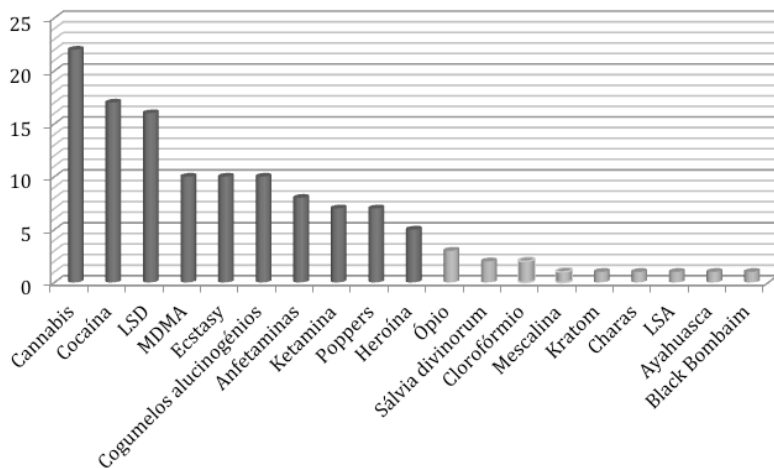
refere Machado (2000, 365, cit. in Matos, 2008), ultrapassamos a possibilidade de “fragmentação de significados” que pode acontecer nos casos em que a unidade de análise é, por exemplo, cada linha da transcrição. Adotámos ainda um dos princípios básicos da *Grounded Theory* que nos diz que “a associação de cada conceito a uma categoria (...) não é mutuamente exclusiva” (Fernandes y Maia, 2001, 49). Assim, associámos cada unidade de análise ao maior número de categorias possível.

Tendo analisado os dados recolhidos numa lógica substância a substância, procedemos à criação de subcategorias de cariz descritivo que remetiam para dados relativos a dimensões objetivas dos consumos, aliás coincidentes com algumas dimensões do guião da entrevista (e.g. padrão de utilização). Após esta análise, foram criadas, para cada substância, outras categorias relativas aos significados relatados.

RESULTADOS

AS SUBSTÂNCIAS E OS PADRÕES DE CONSUMO ENCONTRADOS

Durante o processo de análise dos dados, apercebemo-nos de que surgiram, no que diz respeito ao tipo de substâncias consumidas, dois grandes grupos. Percebemos que algumas substâncias (cannabis, cocaína, LSD, MDMA, ecstasy, cogumelos alucinogénios, anfetaminas, ketamina, *poppers* e heroína) ocupavam um lugar principal na trajetória de consumos e o seu uso distinguia-se por ser vulgarizado nas experiências dos sujeitos. Um segundo grupo de SPA (ópio, sálvia *divinorum*, clorofórmio, mescalina, kratomⁱⁱⁱ, charas^{iv}, LSA^v, Ayahuasca e *black bombaim*^{vi}) distinguiu-se pela sua menor expressão nos históricos de consumo e pelo carácter pontual com que são normalmente consumidas. Este grupo de drogas apresenta tipicamente formas de acesso menos vulgarizadas e características associadas a um certo exotismo quando comparadas com as drogas principais (e.g. nas formas de preparação e consumo).



Numa amostra que se caracteriza por um padrão de policonsumos, a *cannabis* é a única substância que está ou esteve presente no percurso de todos os sujeitos (N=22). Em termos numéricos, esta substância surge seguida da cocaína (n=17) e do LSD (n=16). O MDMA, o *ecstasy* e os cogumelos alucinogênicos surgem referidos por n=10 participantes. Exemplos de substâncias menos presentes na nossa amostra são, por exemplo, a heroína (n=5), a *sálvia divinorum* (n=3) e a *ayahuasca* (n=1).

No que diz respeito ao seu padrão de utilização, a *cannabis* destaca-se novamente das restantes substâncias (tabela 1). De todas as substâncias referidas pelos sujeitos, é apenas no que diz respeito à *cannabis* que o consumo é descrito, pela maioria dos sujeitos, como regular. Este dado torna-se particularmente relevante quando observamos que não são reportados consumos diários para mais nenhuma substância. Para além disso, relativamente aos consumos diários de *cannabis* sabemos que, em alguns casos, estes acontecem várias vezes ao longo do dia.

Tabela 1. Padrão de utilização das principais drogas (n)

		Consumo regular		Consumo não regular			Ex-consumidores
		Diário	Não diário	Esporádico	Único	Ocasões Especiais	
<i>Cannabis</i>	22	5	7	3	-	2	5
<i>Cocaína</i>	17	-	1	6	3	-	5
<i>LSD</i>	16	-	1	3	5	2	4
<i>MDMA</i>	10	-	2	2	1	1	4
<i>Ecstasy</i>	10	-	-	3	1	-	6
<i>Cogumelos</i>	10	-	-	7	2	-	-
<i>Anfetaminas</i>	8	-	2	3	-	-	1
<i>Poppers</i>	7	-	-	-	-	-	7
<i>Ketamina</i>	7	-	-	3	1	1	-
<i>Heroína</i>	7	-	-	3	1	1	-

Relativamente à cocaína, apenas n=1 participante reporta consumos regulares e n=5 participantes dizem ser ex-consumidores. Dos indivíduos com consumos não regulares de cocaína, n=6 usam esta substância esporadicamente e n=3 reportam exclusivamente a existência de um consumo único. Apenas n=1 dos indivíduos refere a utilização da injeção como técnica de consumo desta droga, e esta acontecia associando a cocaína com a heroína (*speedball*).

Apesar de n=16 participantes já terem estado em contacto com LSD, a maioria deles reserva o seu consumo para ocasiões especiais e apenas n=1 mantém um consumo regular desta substância. A par com o *ecstasy*, os cogumelos alucinogénios, vulgarmente conhecidos por “cogumelos mágicos”, são a substância que apresenta menor frequência de consumo: apenas são reportados consumos esporádicos e experiências únicas relacionadas com esta SPA. Menos de metade dos indivíduos entrevistados já tiveram contacto com a ketamina e com anfetaminas, *speed*. As anfetaminas

minas, no entanto, são consumidas regularmente por n=2 participantes e, para a ketamina, são apenas apontados consumos únicos, esporádicos ou em ocasiões especiais. No que diz respeito aos n=5 participantes que referiram a heroína no seu historial de consumos, sabemos que apenas um mantém os seus consumos atualmente. Um dos participantes refere ter tido um contacto único e n=3 assumem-se como ex-consumidores, que são também indivíduos que reportaram um passado de consumo problemático.

Como referido anteriormente, optámos por incluir neste estudo drogas como o ópio, a sálvia *divinorum*, o clorofórmio, a mescalina, a kratom, as charas, o LSA, a Ayahuasca e o *black bombaim* na medida em que foram exploradas no estudo todas as SPA cujo uso estava a ser reportado pelos participantes. Como se pode verificar, algumas destas drogas destacam-se por serem de utilização pouco comum. São exemplo disso as charas, a kratom, o LSA e o *black bombaim*. No que diz respeito ao seu padrão de utilização na amostra, são relatadas experiências únicas com estas substâncias. Surge exceção para a sálvia *divinorum* e para o *black bombaim*, que são consumidas de forma esporádica.

É precisamente o carácter quase excecional que estas substâncias ocupam no universo dos consumos que as torna num elemento de interesse a nível da investigação pela possibilidade de a elas estarem associados outros significados que divergem daqueles encontrados para as SPA mais frequentes.

OS SIGNIFICADOS

O SIGNIFICADO MARCADAMENTE NEGATIVO ASSOCIADO À HEROÍNA

No grupo dos sujeitos que tiveram contacto com a heroína, do qual fazem parte, como já se disse, indivíduos com um passado de uso abusivo desta substância, é vulgar ver-se associado o seu uso a momentos cruciais do percurso de vida. Quando questionado acerca do pior momento da sua vida (*low point*), um dos participantes estabelece claramente essa relação: “Provavelmente foi quando dei por mim completamente enterrado na heroína, quando me apercebi que tinha destruído toda a minha vida à minha volta, a minha vida familiar, amorosa, académica” (sexo masculino, 29 anos).

Esta centralidade com uma tónica negativa que a heroína assume no percurso de vida dos indivíduos surge também quando o maior desafio ou o maior obstáculo da vida do sujeito é a ela associado - “O maior pro-

blema foi estar completamente dependente da heroína, o maior desafio era ter que me safar daquilo de alguma forma” (sexo masculino, 29 anos).

Também o ponto de viragem na vida dos indivíduos é associado de forma espontânea a acontecimentos relacionados com a heroína. Nestes casos, o ponto de viragem indica a rutura com os consumos, o começo de uma nova era no percurso de vida dos sujeitos, com a heroína mais uma vez a constituir um fator central - *“Aos dezanove anos, quando decidi tratar-me, isso foi um ponto de viragem completo. Deixei o estilo de vida que tinha a cem por cento e comecei uma de novo”* (sexo masculino, 24 anos).

A descrição da vivência dos consumos de heroína é marcada pela intensidade negativa. Quando questionado acerca dos contextos que rodeavam este tipo de consumo, um dos sujeitos refere - *“Degredo... amigos... já sozinho, mais para o fim, mas degredo, vida de degredo. Na estação, sítios maus, maus sítios”* (sexo masculino, 26 anos).

É interessante notar, no que diz respeito ao grupo dos participantes que não reportaram nenhum consumo de heroína ao longo da sua vida, a mesma presença da atribuição de significados negativos. Isto acontece mesmo nos sujeitos com trajetórias de consumos variadas que incluem, por vezes, a cocaína. Surge no discurso deste grupo de participantes de forma recorrente a vontade expressa de não experimentar esta SPA, um significado ligado à ideia de evitamento- *“uma opção que eu já decidi há muito tempo, há muito mesmo, é que há uma que nunca hei de experimentar, que é a heroína”* (sexo feminino, 24 anos).

Sobressai ainda a importância de uma distinção entre a heroína e os outros tipos de drogas. Falamos da preocupação que os sujeitos demonstram em fazer uma clara dissociação entre o tipo de substâncias que eles consomem e a heroína, como se esta última se situasse num patamar, de conotação altamente negativa, em tudo diferente das restantes substâncias. A heroína surge demarcada de todas as outras substâncias, distanciada da dimensão recreativa e de busca de prazer - *“[...] é a maior estupidéz do planeta [...], aquilo nem é mesmo uma droga, aquilo é uma coisa que te consome, não te dá euforia nenhuma... Tu queres é mocar, que é mesmo assim, e aquilo deixa-te num estado mesmo estúpido”* (sexo feminino, 24 anos).

NORMALIZAÇÃO E INSTRUMENTALIZAÇÃO DO USO DA CANNABIS: “UMA ROTINA INQUESTIONADA”

Um dos significados mais associados à *cannabis* diz respeito à sua funcionalidade, ou seja, à forma como a *cannabis* se situa na vida dos sujeitos de forma a, por exemplo, auxiliar na realização de algumas tarefas. Esta substância surge, assim, com uma importante função utilitária no quotidiano quando, por exemplo, é descrita como uma inspiração criativa que tem por função incutir maior bem-estar a algumas atividades banais do dia a dia - *"Eu consumo para fazer algumas coisas, percebes? Caso não consumisse ia fazê-las na mesma, talvez com não tanto prazer"* (sexo masculino, 29 anos).

Da mesma forma, o uso da *cannabis* parece, para alguns indivíduos, vir colmatar aspetos que estão ausentes das suas vidas. Esta substância parece, assim, cumprir uma função terapêutica de preencher uma lacuna a nível emocional ou psicológico, como se de um fármaco se tratasse. A propósito do haxixe, é referido numa das entrevistas - *"Mas eu sei que há uma falta muito grande de alguma coisa, estás a ver? Que isto [o haxixe] está a suprir de alguma maneira [...]"* (sexo feminino, 24 anos)

Constatamos ainda que o seu uso está banalizado e é transversal a diversos contextos, com características muito distintas - *"Consumo com amigos, ou à porta de um café com os copos ou em casa e com copos ou em casa antes de ir dormir dou uma passinha [...]"* (sexo feminino, 24 anos). A diversidade de contextos espelha-se na amplitude de ambientes preferenciais de consumo: se, por um lado, há sujeitos que o associam a um ato social, outros consideram que o consumo desta substância deve ser feito em ambientes intimistas ou socialmente isolados.

Independentemente do tipo de contexto de eleição para o uso desta substância é comum à maioria dos indivíduos da amostra o facto de não atribuírem um significado específico e intenso ao uso da *cannabis*. De facto, talvez por se tratar de um ato rotineiro, vemos surgir uma desvalorização do significado destes consumos, como se, ao contrário do que acontece com outras substâncias, os indivíduos nunca tivessem refletido seriamente acerca destes consumos - *"É mais uma rotina minha, percebes? Inquestionada"* (sexo feminino, 24 anos).

Os significados que, mesmo assim, emergiram são quase sempre negativos por estarem relacionados com a dependência desta substância e com os seus efeitos a longo prazo. Alguns sujeitos reconhecem que a correta gestão da frequência de consumos dificilmente é alcançada e que, a determinada altura, sentem efeitos indesejáveis relacionados sobretudo

com as dimensões da memória e concentração - *“Eu queria sempre acreditar e provar para mim própria, para mim mesma que eu conseguia controlar. Nunca conseguia”* (sexo feminino, 24 anos).

COCAÍNA: “EM BASE, MUITO, MUITO RARO (...) DÁ MUITO TRABALHO E É POUCO CHIQUE”

A cocaína, mais do que qualquer outra substância analisada, parece ser um fator de ligação entre indivíduos com características absolutamente distintas e transversal a contextos que nada têm em comum, muitas vezes situados nos polos opostos degradação-divertimento.

A forma como a substância é ingerida parece ser a grande característica diferenciadora do tipo de significado atribuído à sua vivência. Por um lado, temos a cocaína fumada e injetada, a associação com o uso de heroína, os ambientes degradados, a toxicodependência; por outro, a cocaína inalada ou sniffada, o divertimento, as festas e a não problematização. Para ilustrarmos esta ideia, podemos ver como dois indivíduos da amostra significam de forma tão distinta a sua experiência com a cocaína. Um dos sujeitos, com um passado de consumos problemáticos em que a injeção era uma das formas de consumo utilizadas, associa à cocaína os seguintes episódios - *“Uma depressão, fui para a clínica, roubei dinheiro, perdi um ano inteiro de vida na clínica”* (sexo masculino, 26 anos).

Por outro lado, um dos sujeitos que apenas consumiu cocaína recreativamente e que não descreveu um padrão de consumo problemático, é capaz de centrar o seu discurso nos aspetos positivos da substância, neste caso referindo-se à sua associação com álcool - *“Conseguimos tirar do álcool só aquilo que ele tem de bom, que é aquela euforia, mas o corpo deixou de andar mole e então foi aquela combinação: a euforia e o relax da mente do álcool, com a potência da cocaína. Foi o ponto de partida...”* (sexo masculino, 35 anos).

De uma forma geral, o ato de fumar cocaína com o auxílio de papel de prata é associado a consumos problemáticos da substância distanciados da dimensão recreativa. Ao contrário, o *snif* desta substância surge ligado a um meio não degradado, de divertimento e de quase normatividade. A cocaína, como tão bem explica um dos sujeitos, surge assim como uma droga não exclusiva de um contexto ideal, ou de um grupo específico de indivíduos - *“A cocaína é mais fácil... todos os contextos. Já estive na residência universitária, já estive [...] no mesmo sítio em que consumia heroína, já estive... é diferente... já estive em bares”* (sexo masculino, 26 anos).

Associadas à cocaína estão sensações de maior resistência, maior autoconfiança e mais energia física. Por isso, os sujeitos atribuem ao consumo de cocaína a ideia de prolongamento da diversão, eliminação dos sintomas físicos de cansaço e sensação de bem-estar geral - “[...] *basicamente dá-me mais confiança, acho que é isso... torna-me mais enérgico, com vontade de fazer tudo e mais alguma coisa*” (sexo masculino, 27 anos).

ALUCINOGÊNIOS: “O PODER ASSUSTADOR DA EXPERIÊNCIA”

Os significados atribuídos ao LSD parecem estar relacionados com os efeitos intensos e inesperados percebidos após a toma desta substância. Estes efeitos parecem não ser agradáveis para a maioria dos indivíduos e talvez por isso se assista a um discurso de receio e a uma atitude de controlo em relação à frequência dos consumos. Também a possibilidade de ocorrência de uma bad trip, juntamente com o tempo longo de duração dos efeitos, parece dissuadir os sujeitos a fazer tomas frequentes desta substância - “[...] *queria controlar-me e não conseguia, estás a ver? [...] estive no chão a olhar para as estrelas durante horas até me conseguir pôr de pé e sair dali para um sítio mais calmo. Só ao fim de doze horas é que comecei a melhorar*” (sexo masculino, 20 anos).

A junção destes fatores faz com que alguns sujeitos optem por consumir LSD em locais escolhidos propositadamente para o seu uso e que, por apresentarem características específicas que evitam o surgimento dos efeitos negativos, são vistos como ideais para o seu consumo. Falamos de espaços abertos, ligados à natureza e de um grupo restrito de pessoas, afastados da euforia que aparece de forma comum associada às restantes drogas - “*Cheguei àquela conclusão que é uma droga muito forte para mandar em festas de trance [...] Começo a perder completamente a noção onde estou e então passei a mandar com duas, três pessoas no máximo. Em espaços livres, montes, para que o consumo não tenha tantos aspetos negativos*” (sexo masculino, 20 anos).

Os significados positivos emergem principalmente quando ao LSD são associados momentos de intensa alegria e de experiências sensoriais fortes - “*Um dos efeitos foi a sensação de sair do meu próprio corpo e ver-me de cima, outro foi de fundir com o chão, com a terra [...], no dia seguinte, quando acordei, tive a sensação que foi das coisas mais importantes da minha vida porque achava que tinha entendido a essência do universo [...]*” (sexo masculino, 33 anos).

Em relação aos cogumelos alucinogénios podemos ver que surgem com mais frequência significados de cariz positivo e descrições do efeito menos expressivas do que no caso do LSD. A experiência de consumo de cogumelos alucinogénios é descrita como sendo menos intensa do que no caso dos “ácidos”, embora surjam também descrições de intensificação sensorial e de perda de noção temporal. O conceito de *bad trip* parece não surgir como uma preocupação no que diz respeito aos cogumelos alucinogénios. Um dos indivíduos descreve a sua experiência com esta droga da seguinte forma - *“Bastante positiva porque é um bocadinho aquilo que falei dos ácidos, mas não tão pesado... é sem dúvida das boas experiências que tive”* (sexo masculino, 33 anos).

O VAZIO DE SIGNIFICADO DA KETAMINA

Não foi encontrado, no discurso dos indivíduos, qualquer significado positivo em relação ao uso de Ketamina. De facto, para além dos significados de cariz negativo, apenas a descrição das sensações físicas intensas proporcionadas por esta substância surgem com alguma expressão na análise dos dados. Esta é, para a maioria dos sujeitos, uma substância cujo significado não se insere de forma especial no seu historial de consumos e não parece ter uma importância relevante quando comparada com a experiência de consumo de outras substâncias.

As experiências negativas relatadas com esta substância estão quase sempre relacionadas com as propriedades anestésicas da mesma, que provocam alterações nas capacidades de locomoção, impedindo muitas vezes os sujeitos de caminhar. Surge a ideia de que esta substância encerra um vazio de conteúdo, que em nada enriquece a experiência dos indivíduos - *“Uma pessoa perde o controlo do corpo, [...] caís a torto e a direito, estás sempre a cair [risos], não te equilibras direito e fazes assim umas figuras um bocado tristes e por isso é que... já não acho muita piada”* (sexo masculino, 23 anos). *“É a prova de que às vezes a droga vale por si... e por outro lado não vale por nada...”* (sexo masculino, 29 anos).

MDMA E ECSTASY: “ENERGIA E FELICIDADE ACIMA DE TUDO”

Para muitos indivíduos, o ecstasy surge associado a uma dimensão de dependência que parece, no entanto, não apresentar as mesmas características do conceito de dependência associado ao consumo de heroína ou mesmo de cocaína. Neste caso, a dependência parece surgir a um nível

psicológico ou emocional, não de procura desenfreada do próximo consumo, mas dos sintomas depressivos e da instabilidade emocional entre cada episódio - “[...] talvez uma pequena dependência psicológica de passares a semana já um bocado mais em baixo, mais... talvez à espera da próxima, percebes? [...] Não ficávamos a ressacar nem nada, mas notava-se que às vezes andávamos todos um bocado mais em baixo durante a semana, mas não era uma coisa muito visível” (sexo masculino, 29 anos).

Os efeitos que surgem imediatamente depois do consumo parecem, na maior parte dos casos, desagradáveis. Apesar de serem referidas por alguns sujeitos sensações de felicidade extrema, as consequências físicas negativas (e.g. bruxismo) aparecem com maior expressão e parecem ser relevantes quando se trata de ponderar benefícios e malefícios do consumo de *ecstasy*. Também a impossibilidade de prever qual o conteúdo químico exato de cada pastilha parece ser um fator que leva a que muitos indivíduos não apreciem particularmente o uso de *ecstasy*.

Se o *ecstasy* é consumido pelos indivíduos exclusivamente em contextos recreativos, o mesmo não acontece com o MDMA. Apesar de a maioria dos indivíduos consumir também MDMA em festas ou festivais, surgem neste caso relatos de consumos feitos em períodos after-party ou em casa, com o companheiro ou companheira. De facto, a maior parte dos sujeitos concorda que o MDMA está fortemente ligado à dimensão da intimidade amorosa - “[...] estar em casa com o E. ou sair à noite com ele e depois, beber uns copos e depois ir para casa, mandamos aquela merda e estamos lá, na marmelada e tal (risos), fixe, a curtir um com o outro” (sexo feminino, 23 anos).

O MDMA surge também associado a uma dimensão de felicidade, de uma visão mais agradável das coisas, em muito devido aos seus efeitos a nível sensorial - “Claro, as coisas brilham muito mais, torna tudo muito mais bonito. Aposto que aquilo não é tão bonito como eu vi. Ou se calhar é e nós com a nossa «visão não MDMA» não conseguimos ver” (sexo masculino, 29 anos).

ANFETAMINAS: “UMA PESSOA TEM MESMO QUE ESTAR EM MOVIMENTO”

O discurso acerca das anfetaminas ou speed parece diluir-se no discurso acerca de outras substâncias como a cocaína e o MDMA, ocupando um lugar pouco central. Muitas vezes, as anfetaminas são vistas como uma alternativa mais barata ao consumo de MDMA e com efeitos que podem ser considerados semelhantes. De qualquer forma, não lhe são atribuídos significados importantes, na medida em que as anfetaminas, tal como

acontece com a ketamina, parecem não ocupar um lugar de destaque no historial de usos de drogas dos sujeitos. O que parece ser unânime entre os sujeitos consumidores de anfetaminas é o facto de surgir uma tendência para fazer consumos abusivos desta substância e de o seu uso provocar danos inevitáveis nos indivíduos - *“O problema é que as pessoas que consomem ficam um bocado dementes! Não ficam boas da cabeça, queima muito a cabeça!”* (sexo masculino, 35 anos).

OS POPPERS E A SEXUALIDADE

No caso dos *poppers*, vemos surgir um significado muito específico que está, invariavelmente, ligado à sexualidade. Apesar de esta ser uma substância a que os indivíduos não atribuem relevância especial no total do seu historial de consumos, é evidente a referência aos seus efeitos afrodisíacos - *“[...]poppers encaixa um bocado nisso, é o uso de drogas para a sexualidade. Porque não dá propriamente uma moca, dá uma moca de um minuto [...]. Depois acaba, para, deixa-te é com uma profunda excitação sexual [...] acho que o poppers me fez um bocadinho esta ligação ou pelo menos está incluído nessa relação sexual do ser humano com as drogas”* (sexo masculino, 29 anos).

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os consumos dos participantes neste estudo acompanham, de forma geral, as tendências atuais de usos de drogas nível nacional e internacional. Os resultados que encontramos vão de encontro às conclusões do Instituto Português da Droga e da Toxicodependência (2011) e do Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias na População Portuguesa (2007) que apontam a heroína como uma das drogas com menor prevalência de consumo. Da mesma forma, vemos que os consumos dos participantes neste estudo se elevam no que diz respeito ao ecstasy, uma tendência que também é mencionada por estas fontes.

Neste estudo, e apesar de a amostra reunida ter em comum a predominância de uma relação recreativa e não-problemática com uma ampla variedade de SPA, regista-se ainda uma presença acentuada do discurso sobre a heroína. Essas referências enfatizam a associação ao consumo problemático evocado como uma experiência passada, à semelhança do que aconteceu em estudos anteriores sobre o consumo problemático entre utilizadores socialmente diferenciados (e.g. Fernandes y Carvalho, 2003). No estudo realizado por Fernandes e Carvalho (2003), a possibi-

lidade de ver ultrapassada a experiência da toxicodependência parecia estar claramente associada à origem socio-económica e à rede de suporte social daí decorrente. Essa dinâmica parece-nos presente também entre os participantes da nossa amostra e poderá explicar os significados específicos que surgem associados a esta substância. Efetivamente, a heroína é entendida pelos indivíduos como uma droga com características diferentes de todas as outras. São-lhe atribuídos, invariavelmente, significados marcadamente negativos que fazem também com que ela surja referida nos momentos centrais do percurso de vida dos sujeitos que com ela tomaram contacto. A esta substância são associados sobretudo significados de intensa degradação física, psicológica e social, também coincidentes desse ponto de vista com aqueles encontrados por Fernandes e Carvalho (2003) e por Fonte e Manita (2003).

Carvalho (2007), no seu estudo sobre o consumo de substâncias psicoativas em ambientes recreativos, chama também a atenção para a grande diferença que os atores juvenis identificam entre si e a figura do heroínómano de rua. Por tudo isto, encontramos a heroína num polo oposto a todas as outras substâncias e associada, como nos diz um dos sujeitos, a “um ambiente mais pesado” que nada tem de comum com o significado que é atribuído às restantes drogas.

Também a transversalidade e elevada frequência de consumos de cannabis presentes na amostra parecem não contrariar a evolução histórica dos consumos desta substância (García y Sánchez, 2006) e as estatísticas oficiais que nos dizem que a cannabis continua a ser a droga ilegal mais consumida no mundo e que o seu uso se situa especificamente numa camada jovem adulta da população (OEDT, 2011). Muitas vezes, ao longo da nossa análise de dados, fica a ideia de que a cannabis é fumada pelos sujeitos como se de tabaco se tratasse, até porque a sua disponibilidade parece estar verdadeiramente disseminada.

O facto de o consumo de *cannabissurgir* de modo tão transversal na experiência dos participantes e do seu uso ser percebido como ‘vulgarizado’ reforça a tese de que o padrão de uso de SPA entre jovens na atualidade encoraja uma interpretação do fenómeno próxima da tese da normalização (Parker, Aldridge y Measham, 1998).

Salientamos ainda a forma como a cocaína figura com grande expressão entre todas as drogas presentes na amostra afastando-se do tipo de significado que é atribuído à heroína. Na nossa amostra, e associados ao

consumo de cocaína, surgem significados de lazer e divertimento muito diferentes daqueles associados à heroína. A exceção surge quando são referidas experiências com cocaína fumada e consumida em conjunto com heroína: aqui os significados passam a ser, tal como para a heroína, negativos.

Relativamente às drogas menos comuns (e.g. LSA, Kratom), a escassez de significados que emergem através do discurso dos sujeitos, deixa claro que estas substâncias ainda não encontraram o seu “lugar cultural” no meio da população juvenil. Embora não saibamos se alguma vez estas vão ocupar um lugar tão destacado como as drogas que consideramos principais, aspetos relacionados com a sua acessibilidade e formas de preparação e ingestão fazem prever que não. Percebemos, porém, que o estudo oferece dados sobre as significações associadas a SPA relativamente às quais a literatura corrente é particularmente escassa. Esse é o caso não só destas SPA que acabámos de referir, como também da cocaína ou do LSD, por exemplo. Mais investigação é necessária para perceber e aprofundar o conhecimento sobre práticas e dinâmicas que rodeiam o uso e suas motivações. Este investimento é particularmente necessário se atendermos a que a experiência juvenil de consumo, na atualidade, apresenta a diversidade e o policonsumo como características centrais que tornam necessária a valorização de uma ampla gama de produtos.

Uma das limitações que podemos assinalar neste estudo é o facto de algumas cadeias desenvolvidas através do método *snowball* não terem evoluído para além do primeiro nível, o nível zero. Seria prioritário, numa eventual continuação do estudo, a tentativa de reativação dessas cadeias ou a opção por formar cadeias em que a progressão por mais níveis estivesse assegurada. O facto de as cadeias terem, como se esperava, progredido através de indivíduos com características socio-culturais semelhantes pode ser apontado como outra limitação. Seria pertinente, em estudos posteriores, desenvolver cadeias de contacto que assegurassem maior variabilidade entre os indivíduos (e.g. no grau de escolaridade e nos interesses), nomeadamente através do estabelecimento de contactos com indivíduos pertencentes a subculturas ou grupos sociais diferentes entre si. O olhar que está a ser produzido sobre as significações e experiências de consumo das diversas SPA a partir dos nossos dados está a surgir de um ponto de vista acentuadamente individual, o que torna útil um investimento de outros estudos visando aprofundar o conhecimento

sobre a questão da integração soio-cultural no processo de produção e atribuição de significados.

No final deste estudo, apercebemo-nos de que o uso de drogas parece surgir invariavelmente associado à necessidade de uma identificação e partilha de experiências que são comuns a determinado grupo de indivíduos: trata-se do processo de adesão a um código cultural pré-existente que havíamos referido. A heroína é exceção mais uma vez, parecendo existir, no seu caso, um “vazio cultural”. Parece que o consumo desta substância representa a quebra total dos vínculos sociais e culturais que estão associados aos outros consumos. Salientamos, neste processo de identificação com um padrão ou código cultural de consumo, a especificidade do significado que é atribuído a cada substância. Num panorama de práticas de consumo caracterizado pela mutação constante, vemos que a escolha de determinada droga parte, em primeiro lugar, do significado que o próprio sujeito lhe atribui e da dimensão que este sujeito procura alcançar ao consumir. O estudo permite perceber, nomeadamente nos casos específicos da cannabis e da cocaína, que uma grande diversidade de perfis, contextos e motivações estão a rodear o comportamento associado à sua utilização, que é comum a vários participantes. Reforçámos, deste modo, a ideia de que o estudo das significações encoraja a compreensão da forma como comportamentos de configurações aparentemente comuns, têm na verdade associadas motivações potencialmente muito variadas (Manita et al., 1997).

Existe uma consideração que pode ser desenvolvida a respeito das implicações dos dados para a questão do risco, que é, como vimos, uma dimensão central da literatura que se tem dedicado ao estudo das significações associadas ao consumo. O nosso estudo coloca em evidência que as dificuldades e os riscos potencialmente associados ao consumo não se podem balizar pela centração nas SPA de uso mais frequente. Se tomarmos, por exemplo, o caso do uso do LSD percebemos que apesar de configurar uma experiência excecional, traz consigo diversas referências ao risco que emerge de uma má experiência (*bad trip*). Este dado remete-nos também para a necessidade de se desenvolverem estratégias de intervenção focadas na crise que permitam lidar com estes episódios, e que têm um impacto potencialmente muito grave e prolongado sobre a saúde mental dos participantes.

Ainda, e apesar de acedermos às significações de teor mais negativo

que são associadas aos diversos produtos e que informam indiretamente sobre as percepções do risco entre os participantes, não temos evidência sobre como é que os participantes estão a lidar com esta dimensão. Tal constitui-se como uma limitação dos nossos dados para a reflexão sobre as implicações para a intervenção. É útil, assim, um enfoque futuro no estudo dos significados que aprofunde a relação com o risco.

Cremos, com este estudo, ter contribuído para o entendimento do consumidor jovem enquanto produtor de sentido dos seus próprios atos de consumo. Não recusamos a relevância que as entidades estatísticas e abordagens quantitativas possuem na compreensão do fenómeno, mas acreditamos que é ao ouvir os consumidores que esta compreensão fica completa. Trata-se de dar voz àquele que é o principal ator da dinâmica de consumo de drogas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Agra, C. (1993). *Dizer a Droga, Ouvir as Drogas. Estudos teóricos e empíricos para uma ciência do comportamento adictivo*. Porto: Radicário.
- Agra, M. (2000). *Subjectivação nos Utilizadores de Drogas e Normatividade Terapêutica*. Dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante (Toxicodependências) não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Bahora, M., Sterk, C. y Elifson, W. (2009). Understanding recreational ecstasy use in the United States: a qualitative study. *International Journal of Drug Policy*, 20(1), 62-69.
- Balsa, C., Pascueiro, L., Urbano, C. y Vital, C. (2008). *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral*. Lisboa: Instituto da Drogas e da Toxicodependência.
- Calado, V. G. (2007). Trance psicadélico, drogas sintéticas e paraísos artificiais. Representações: uma análise a partir do ciberespaço. *Revista Toxicodependências*, 13(1), 21-28.
- Cardoso, S. y Manita, C. (2004). Mulheres toxicodependentes - o género e a desviância. *Revista Toxicodependências*, 10(2), 13-25.
- Carvalho, M.C. (2008). *Guião de História de Vida e Usos de Drogas*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. (não publicado).

- Carvalho, M. C. (2007). *Culturas Juvenis e Novos Usos de Drogas em Meio Festivo: o trance psicadélico como analisador*. Porto: Campo das Letras.
- Cruz, O. y Machado, C. (2010). Consumo não-problemático de drogas ilegais. *Revista Toxicodependências*, 16(2), 39-47.
- Diaz, A. (1998). *Hoja, Pasta, Polvo y Roca. El consumo de los derivados de la coca*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Escotado, A. (1992). *Para una fenomenología de las drogas*. Madrid: Mondadori.
- Fernandes, L. y Carvalho, M. C. (2003). *Consumos Problemáticos de Drogas em Populações Ocultas*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Fernandes, L. y Carvalho, M. (2000). Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método snowball. *Revista Toxicodependências*, 6(3), 17-28.
- Fernandes, E. y Maia, A. (2001). Grounded Theory. In E. Fernandes y L. Almeida (Eds.). *Métodos e Técnicas de Avaliação: contributos para a prática e investigação psicológicas*. Braga: Universidade do Minho.
- Fonte, C. y Manita, C. (2003). Consumos de Drogas em Estudantes da Universidade do Minho: Construções de Significados. *Revista Toxicodependências*, 9(3), 61-74.
- García, E. C. y Sánchez, J. P. (2006). Una revisión histórica sobre los usos del cannabis y su regulación. *Salud y drogas*, 6(1), 47-70.
- Gourley, M. (2004). A subcultural study of recreational ecstasy use. *Journal of Sociology*, 14(1), 59-73.
- Hansen, D., Maycock, B. y Lower, T. (2001). 'Weddings, parties, anything...', a qualitative analysis of ecstasy use in Perth, Western Australia. *International Journal of Drug Policy*, 12, 181-199.
- Instituto da Droga e da Toxicodependência (IDT) – Núcleo de Estatística (2011). *Relatório Anual-2011: A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P.
- Manita, C., Negreiros, J., Agra, C. y Guerra, P. (1997). *Planos existenciais droga-crime*. Lisboa: GPCCD.
- Martí, O. (2000). El fenómeno de la dependencia: Su carácter poliédrico y su inserción en la dialéctica biología/cultura. In Grup Igia (2000). *Contextos, Sujetos y drogas: un manual sobre drogodependencias*. Barcelona: Pla d'Acció sobre drogues de Barcelona (Fundación de Ayuda contra la Drogadicción).
- Matos, R. (2008). *Vidas Raras de Mulheres Comuns – Percursos de Vida, Significações do Crime e Construção da Identidade em Jovens Reclusas*. Coimbra: Almedina.

- McAdams, D. (2000). *The Person. An Integrated introduction to personality psychology* (3aEd.). Fort Worth: Harcourt College Publishers.
- McAdams, D. (1993). *The Stories we live by. Personal Myths and the Making of the Self*. Nova Iorque: The Guilford Press.
- McCaughan, J., Carlson, R., Falck, R. y Siegal, H. (2005). From "Candy Kids" to "Chemi-Kids": A Typology of Young Adults Who Attend Raves in the Midwestern United States. *Substance Use & Misuse*, 40, 1503-1523.
- Mendes, F. y Manita, C. (2006). Vivências da abstinência: as significações do uso de drogas ao longo da trajetória de ex-consumidores de drogas duras. *Revista Toxicodependências*, 12(3), 37-48.
- Negreiros, J. y Magalhães, A. (2009). *Estimativa da Prevalência do Consumo Problemático de Drogas - Portugal 2005*. Lisboa: Instituto da Droga e da Toxicodependência.
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT) (2011). *Relatório Anual 2011: A Evolução do Fenómeno da Droga na Europa*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Parker, H., Aldridge, J. y Measham, F. (1998). *Illegal Leisure: the normalization of adolescent recreational drug use*. London: Routledge.
- Peele, S. (1980). Addiction to an Experience: A Social-Psychological-Pharmacological Theory of Addiction. In D. Lettieri, M. Sayers y H. Pearson (Eds.). *Theories on Drug Abuse: Selected Contemporary Perspectives* (pp. 142-146). Washington: U.S Government Printing Office.
- Tinoco, R. (2000). *Vivências de si na toxicodependência. Análise qualitativa de relatos de heroinómanos recolhidos em meio institucional*. Dissertação de Mestrado em Psicologia não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Trigueiros, L. y Carvalho, M. C. (2010). Novos usos de drogas: um estudo qualitativo a partir das trajetórias de vida. *Revista Toxicodependências*, 16(3), 29-44.